

## O desafio do Projeto “Ler e Escrever o 7”

Ao nos depararmos com o desafio de escrever, o sentimento que nos invade é de incapacidade, falta de imaginação, falta de criatividade. As palavras simplesmente desaparecem. Isso mostra que escrever não é nada confortável ou totalmente prazeroso; posso até dizer que para um bom texto o caminho é bem árduo.

Meus registros diários em sala sempre serviram para organizar as informações e tem sido uma ferramenta que me auxilia nas produções sugeridas pelos professores. Este hábito tem sido um grande aliado para o desenvolvimento dos meus textos, as tais fundamentações teóricas dos projetos, relatórios e afins. Em meio a tudo isso, entre o fazer-se acadêmico construtivo, de início me deparei com o desafio do projeto “Ler e Escrever o 7”. A princípio a resistência ao “novo” é quase inevitável, o conflito em colocar no papel idéias provocou-me angústias e sofrimento, sentimentos que me perseguem, coagem e desafiam até hoje.

Vejo que o projeto é um grande incentivo que possibilitou desenvolvimento da habilidade de produzir melhores textos, ainda que carentes de correções, orientações e (re) organizações.

De qualquer forma, nós acadêmicos sabemos claramente que produzir um texto é bem diferente de falar, argumentar, oralizar as idéias, os “textos” e “contextos” que formulamos, assim como tem pessoas que querem escrever, mas só conseguem dizer, existem aquelas que possuem a grande dificuldade de organizar as falas e preferem arriscar-se em escrever por desejarem produzir textos.

Em minhas primeiras experiências na academia, diante das (re) leituras de alguns escritos usados pela professora Herli, percebi como as palavras de Madalena Freire, sobre o processo de construir conseguiam expressar exatamente esta dor do escrever... do parir, *“...aprender não é espontâneo nem natural. Em certo sentido, aprender dói, pois se dá no trabalho com a ignorância. É um confronto com a falta, com o limite, com o desejo. Muita gente imagina, nos desvios do construtivismo, que aprender tem de ser gostoso, prazeroso, lúdico... Não é nada disso: dói. Não é a dor eterna, mas a dor do início da construção da disciplina intelectual. O prazer só vem*

*depois, como um parto.” e nesse sentido, aceitei a provocação, ciente de que é um processo de conquista diário. Com isso posso concluir dizendo: *Falar é fácil, escrever é um grande desafio!**

**Milene Vieira Santos Rocha**

**Acadêmica do 6º Período de Pedagogia**